

CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC

LAÍS V. MOTTA

Entrevistas em documentários: Variações de formato.

São Paulo. SP  
2020

## RESUMO

Este trabalho consiste numa reflexão embasada nos textos “Sob o risco do real” (COMOLLI, 2008) e “A entrevista” (BERNARDET, 1985) a respeito do emprego de entrevistas, frequentemente utilizadas para conferir veracidade, como recurso principal em documentários. O texto abordará os diversos formatos, finalidades e abordagens que a entrevista pode ter, incluindo importância do conteúdo da fala do entrevistado; importância da maneira que o entrevistado se expressa; cortes bruscos ou planos extensos; voz do diretor e equipe explicitados e utilização ou não de inserts de imagens. Discute-se como esses aspectos reverberam no espectador a partir da observação dos filmes “Um lugar ao sol”, de Gabriel Mascaro, e “Edifício Master”, de Eduardo Coutinho.

Existem diversos tipos de documentários: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Contudo, a abordagem predominante, mesmo em documentários que mesclam esses tipos, é a entrevista.

A entrevista é oriunda do jornalismo impresso e, em segundo lugar, da telereportagem. Mas também é a marca do documentarismo direto, datado do fim dos anos 50. Desde então, a visão convencional que se tem de documentário é que ele precisa conter entrevistas para validar a veracidade do tema abordado. Essa visão convencional pode ser explicitada inclusive na utilização de entrevistas em mockumentarys, ou falsos documentários, que estão presentes para convencer ainda mais o espectador de que aquele filme visto é realmente um documentário.

A ideia de realidade causada pela entrevista em um documentário é também, indiretamente, abordada no texto “Sob o risco do real”, apresentado no livro “Ver e Poder” de Jean Louis Comolli:

O que acontece quando, por exemplo, um encontro é filmado? Duas pessoas ou mais se encontram em um filme. Do ponto de vista da ficção, eu sei, ao mesmo tempo, que esse encontro de fato aconteceu (pois foi filmado) e que ele é fictício (posto que filmado). Do ponto de vista documentário, eu sei que o encontro de fato aconteceu, pois foi filmado, mas sei também que o encontro é real, pois de outro modo não poderia ter sido filmado. A dose de realidade filmada é maior. (COMOLLI, 2008, p. 171)

Porém, apesar da entrevista ser um método frequentemente usado no documentário, há uma variedade de possibilidades quanto ao seu formato: as perguntas podem ou não estar explicitadas no filme; o enquadramento pode variar; o entrevistado pode estar ou não olhando para a câmera, ou para o diretor ao lado dela; a resposta pode estar mais cortada em fragmentos que respondam ao objetivo do filme ou podem ser mais longas, respeitando o respiro de fala e de pensamento do entrevistado; etc.

Como a entrevista é baseada no interesse de quem pergunta e de quem produz o filme, cada um desses formatos carrega um significado próprio e implica um modo diferente do espectador ver o filme. Dessa maneira, no filme “Um lugar ao sol” de Gabriel Mascaro, que trata da realidade e do cotidiano de moradores de coberturas, a predominância é de não explicitar a pergunta e de cortes bruscos nas respostas dos entrevistados.

Uma vez que a entrevista é uma relação entre perguntas e respostas, é possível identificar em filmes como “Um lugar ao sol”, onde a pergunta não aparece no corte, que é uma entrevista apenas porque estamos culturalmente acostumados a ouvir pessoas falando para alguém, diante da câmera, olhando levemente na diagonal - para o entrevistador - como uma entrevista.

Como exemplo, na segunda entrevista, que aparece um pouco antes de 10 minutos de filme, não ouvimos a voz do diretor e a presença de cortes define o que o espectador vai ouvir. Para a imagem não ficar com muitos cortes bruscos, são inseridos vários inserts de coberturas, que conversam com o que o entrevistado está falando e adiciona o tom crítico ao filme.

Essa escolha cinematográfica, feita por Gabriel Mascaro, detém um grande grau de manipulação, já que são selecionados apenas os fragmentos que interessam ao pressuposto da abordagem do documentário, apenas os fragmentos que atendem ao roteiro, pois é o conteúdo da fala que tem importância.

Já em “Edifício Master”, de Eduardo Coutinho - que retrata o cotidiano e as histórias dos moradores do Edifício Master, no Rio de Janeiro - é possível ver a equipe chegando no apartamento, ouvir a voz de Coutinho perguntando ao entrevistado e há tempo na resposta, onde se mostra ao espectador as expressões, respiros e movimentos do personagem. Além disso, não existem inserts de imagem quando há corte na fala, que são poucos.

Em “A Entrevista”, de Jean Claude Bernadet, o autor deixa claro as diferenças de escolhas para entrevistas e como elas reverberam no espectador:

Num pólo, temos falas, entrevistas ou outras modalidades, cuja finalidade é transmitir uma informação verbal, tendo o conteúdo uma importância predominante. No outro, encontramos uma fala cujo conteúdo se torna secundário, e o ato de fala passa a predominar. Nenhum desses pólos concretiza-se com exclusividade: trata-se de tendências, podendo uma ou outra prevalecer nesta ou naquela entrevista. Em *Viramundo*, por exemplo, o conteúdo da fala é fundamental; já em *A opinião pública* é frequentemente o ato da fala que tem a primazia. Na virada para a década 1960, esse ato de fala, em detrimento do conteúdo, nos fascinava (ou fascinava alguns). Uma frase (?) como a de Nadine em *La punition* (1962), de Jean Rouch - “Pois bem, agora lhe digo! É... e agora... é... queria saber se... é... o dinheiro traz... algo... às pessoas que têm” - nos encantava. O que nos encantava?

Provavelmente duas coisas. Por um lado, essa área limítrofe da fala, da comunicação verbal, esses balbucios, palavras hesitantes, fracassadas, elipses, tiques verbais, reticências à beira do gaguejo, essa fala engraçada nos dava a impressão de uma intimidade com o falante, o qual se apresentava desarmado, aquém dos mecanismos e das defesas da

representação social. Outro aspecto de nosso encantamento era o caráter de documento bruto de tais planos, como se um fragmento da realidade tivesse sido transportado sem elaboração do mundo para a tela. (BERNARDET, 1985, p.284)

Dessa forma, “Um lugar ao sol” está para “Viramundo”, assim como “Edifício Master” está para “A opinião pública” e “La punition”.

Outro aspecto importante, que se apresenta como um desafio inevitável do filme centrado na entrevista, é a limitação visual que ele tem. Dessa forma, é possível, como nas obras Wang Bing, não haver nenhum tipo de intervenção sobre a resposta do entrevistado, mesmo que seja longa, e apenas a imagem da pessoa falando. Bing acredita que a presencialidade do personagem com a equipe do documentário é fundamental para a construção da narrativa do filme. Nesse modo de se filmar, o diretor é mais uma escuta e apenas um dispositivo que inicia a conversa do que um direcionador da fala do entrevistado. “Edifício Master” segue esse formato.

Mas, pode-se também intercalar a gravação da entrevista com imagens ilustrativas do que está sendo dito ou que servem de cobertura para fazer um corte junto à voz do entrevistado em *off*. É a opção mais frequentemente usada e só dá bons resultados quando a imagem inserida tem, sozinha, tanta força quanto o que está sendo dito, e não usada apenas para preencher o espaço da voz. “Um lugar ao sol” é um exemplo desse modelo bem executado.

Portanto, filmes documentários que se utilizam de entrevistas convencionais são mais roteirizados e manipuladores, com o objetivo de convencer o espectador sobre o tema ou crítica do filme. Já os menos convencionais - com equipe explicitada, processo de realização do documentário mais evidente, maior extensão dos planos, conversa explícita entre equipe e entrevistados - evidenciam o humano na fala, nos gestos e nos silêncios do entrevistado, e dessa maneira, criam uma narratividade e autonomia únicas, que não poderiam ser roteirizadas ou planejadas e que podem ser muito mais reveladoras que o conteúdo da fala.

## REFERÊNCIAS

UM LUGAR ao Sol. Direção de Gabriel Mascaro. Produção de Gabriel Mascaro. Roteiro: Gabriel Mascaro. Recife: Símio Filmes, 2009. (77 min.), son., color.

EDIFÍCIO Master. Direção de Eduardo Coutinho. Produção de Beth Formaggini. Roteiro: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Videofilmes Produções Artísticas Ltda, 2002. (110 min.), son., color.

BERNARDET, Jean-Claude. A entrevista. *In: Cineastas e imagens do povo*. [S.l.: s.n.], 1985.

COMOLLI, Jean-louis. Sob o risco do real. *In: Ver e poder - a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 373 p. Organização: César Guimarães; Ruben Caixeta.